

---

# O monumento megalítico do Lucas 6 (Hortinhas, Alandroal): um contributo para o estudo das arquitecturas megalíticas

LEONOR ROCHA<sup>1</sup>

## R E S U M O

A anta do Lucas 6 foi intervencionada nos anos de 2000 a 2002. Apesar de o monumento se apresentar muito destruído, à superfície, a escavação permitiu identificar um sítio muito complexo, com duas fases distintas de construção e utilização e pelo menos uma de violação. Os materiais arqueológicos recolhidos na escavação resumem-se a instrumentos de pedra polida, de pedra lascada e alguns fragmentos de cerâmica pré-histórica. A datação realizada, a partir de carvões, forneceu uma data da Idade Média.

## R E S U M É

Le dólmen du Lucas 6 a été l'objet d'une intervention archéologique entre 2000 et 2002. En dépits du monument se trouver très détruit en superficie, les fouilles on permit l'identification d'un site très complexe, avec deux périodes de construction et aux moins une de violation. Les matériaux archéologiques exhumés se résument à des ustensiles en pierre polie, en pierre taillé et quelques fragments de céramiques préhistoriques. La datation réalisée sur des charbons de bois a fourni une date du moyen âge.

## 1. Localização

A anta 6 do Lucas situa-se nas proximidades da aldeia das Hortinhas e localiza-se na Carta Militar de Portugal, na escala 1: 25 000, folha 451 (Alandroal). Coordenadas UTM: m = 29633156 E; p = 4278292 N; altitude: 232 m.

Administrativamente, a Herdade do Monte do Lucas situa-se na freguesia de S. Pedro de Terena, concelho de Alandroal, distrito de Évora, e o acesso faz-se a partir da estrada que liga as Hortinhas aos Orvalhos, por um caminho de terra batida que conduz ao Monte do Lucas.

O monumento encontra-se localizado no lado esquerdo deste caminho, junto a uma curva muito acentuada.

## 2. Introdução

A anta do Lucas 6 foi identificada por Manuel Calado no decorrer dos trabalhos de prospecção arqueológica que conduziram à elaboração da Carta Arqueológica do Alandroal. Segundo a descrição então apresentada, a anta tinha “dois esteios de xisto mais ou menos *in situ* e outros arrancados e fracturados; mamoa relativamente bem conservada, estruturada com blocos de quartzo” (Calado, 1993, p. 60).

No ano 2000, após avaliação do estado cada vez mais degradado deste monumento, optou-se por realizar uma intervenção arqueológica, a qual, devido à complexidade do monumento, se viria a prolongar até 2002. Na 1.<sup>a</sup> Campanha (2000), interveccionou-se a anta 6, que foi posteriormente designada como Monumento 1; na 2.<sup>a</sup> Campanha (2001), alargou-se a área, de modo a confirmar a existência e caracterizar o 2.<sup>o</sup> monumento, de que tinham sido postos à vista, na campanha anterior, apenas parte de dois esteios, e, na 3.<sup>a</sup> Campanha (2002), alargou-se novamente a área, de modo a concluir a escavação dos dois monumentos.

## 3. As diferentes fases do monumento

Do ponto de vista dos momentos de construção e utilização destes dois Monumentos, foram identificadas cinco fases: a primeira correspondendo à construção de M1 (anta); a segunda, à fase de utilização de M1; a terceira, à da construção de M2 (sepultura) e a quarta, à da utilização de M2. Posteriormente, em período indeterminado, houve uma 5.<sup>a</sup> fase, que corresponde à violação do Monumento 1 e que destruiu, até à rocha, todo o lado Norte da câmara da anta.

## 4. Metodologia

### 4.1. Escavação

Os trabalhos arqueológicos de escavação e registo seguiram os pressupostos metodológicos propostos por Barker (1989) e Harris (1991). Assim sendo, procedeu-se à remoção e registo dos depósitos por níveis naturais, seguindo a sequência oposta à sua formação. A malha da escavação foi ligada, em termos altimétricos e planimétricos, à rede geodésica nacional.

## 5. Trabalhos realizados

### 5.1. Área intervencionada

Após o levantamento topográfico efectuado pelo GAT de Évora, procedeu-se à limpeza geral do monumento, que se apresentava coberto de arbustos e de folhas de árvores. Esta limpeza superficial veio confirmar que a planta anteriormente publicada (Calado, 1993, p. 82) apresentava muitas diferenças em relação à planta actual, indiciando alguma destruição do monumento (pelo menos a nível superficial) nos últimos 7 anos. De facto, apenas um dos esteios da câmara aparecia no mesmo lugar; todos os outros tinham desaparecido ou mudado de posição.

Com o decorrer da escavação, veio a verificar-se que o monumento estava, de facto, muito destruído, aparecendo pedras no seu interior, até à base dos esteios; alguns destes, apesar de ainda apresentarem os calços, estavam partidos pelo nível do solo da anta (lado Sul da câmara). Note-se ainda que o centro da câmara apresentava um buraco com uma cota mais baixa que os calços dos esteios do lado Sul.

Em relação ao lado Norte do monumento, este encontrava-se totalmente destruído, tendo-se identificado dois pares de esteios/tampas tombados e sobrepostos, no interior da câmara. Também à entrada do corredor existia uma grande laje de xisto, tombada, pouco espessa, que pensamos tratar-se de uma das tampas.

Por outro lado, a existência de dois pequenos ortóstatos, no lado Oeste da câmara da anta, ocupando o espaço correspondente ao esteio de cabeceira, levou-nos a alargar sucessivamente a área de escavação e a prolongar os trabalhos arqueológicos até 2002.

## 5.2. Contextos arqueológicos observados

Dada a existência de duas estruturas funerárias anexas, optou-se por considerar dois Ambientes: o Ambiente 1, que corresponde à estratigrafia no interior do denominado Monumento 1 e, o Ambiente 2, que corresponde à estrutura cistóide identificada como Monumento 2.

### *Ambiente 1 (Fases I e II)*

- *Fase I: construção da anta*

Os enchimentos da anta e da estrutura cistóide assentavam directamente sobre o substrato rochoso, embora os alvéolos dos esteios do primeiro monumento estivessem a uma cota relativamente mais baixa que os do M2, aspecto que não parece derivar exclusivamente do declive natural do terreno; aparentemente, essa discordância pode explicar-se por um rebaixamento do solo original da anta.



Fig. 1 Sondagem na base do esteio esquerdo da câmara de M1.



Fig. 2 Vista dos calços de M1, do lado esquerdo da câmara.

De facto, o substrato rochoso, apesar de apresentar uma superfície alterada devido à fragmentação do xisto, estava, por outro lado, bastante aplanado [19].

A implantação dos esteios foi realizada em fossas abertas no xisto. Do que foi possível aferir, em corte, do 1.º esteio do lado Norte e de uma sondagem realizada no 2.º esteio do lado Sul, da câmara, a fossa escavada tinha cerca de 0,30 m de profundidade e a sua largura era cerca de 0,10 m superior à espessura do esteio.

Em plano, foi possível verificar que os esteios apresentavam calços internos e externos, compostos por blocos de quartzo e quartzito, alguns de grandes dimensões, colocados em várias camadas. No 4.º esteio da câmara, do lado Sul, foi utilizado um fragmento de mó, em granito, como calço (interno).

O alvéolo do 1.º esteio do corredor [13], do lado Sul, apresentava calços mais pequenos, estando alguns destes colocados em cutelo.

O lado Sul, se bem que tivesse os esteios partidos, encontrava-se bem conservado na base, com os alvéolos e respectivos calços muito bem definidos e conservados.

Efectivamente, da estrutura da anta, apenas se conservava o lado Sul, uma vez que todo o lado Norte foi destruído, à excepção do 1.º esteio da câmara, do lado Norte, que conservou a sua base *in situ*.

No que diz respeito às técnicas de construção da anta, verificou-se que, aparentemente, os seus construtores inverteram a técnica de construção normal. De facto, os esteios da câmara apoia-

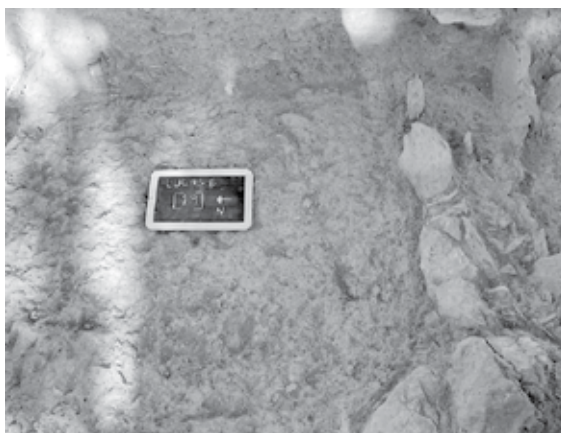


Fig. 3 Alvéolo do 1.º esteio do corredor, do lado esquerdo de M1.



Fig. 4 Relação entre M1 e M2.

vam-se nos dois de entrada, que eram, como é habitual, bastante espessos e altos, e não no esteio de cabeceira, que, em todo o caso, não se conservou.

Os esteios da câmara e do corredor [4] foram contrafortados, pelo exterior, com pedras de médias e grandes dimensões, envoltas em terras castanhas avermelhadas.

- *Fase IV: utilização*

A fase de utilização deste monumento encontrava-se ainda representada, do lado Sul, pelas unidades [5], [8] e [15].

Os escassos materiais arqueológicos recolhidos neste monumento (uma enxó e dois fragmentos de lâminas de sílex) encontravam-se inseridos numa camada [15] que assentava directamente sobre o substrato geológico, em desagregação.

Dada a violação que este monumento sofreu num momento indefinido, certamente posterior ao da sua utilização original, a quantidade e a dispersão do espólio correspondem apenas a uma amostra truncada do conteúdo arqueológico, que foi, como se viu, profundamente afectado.

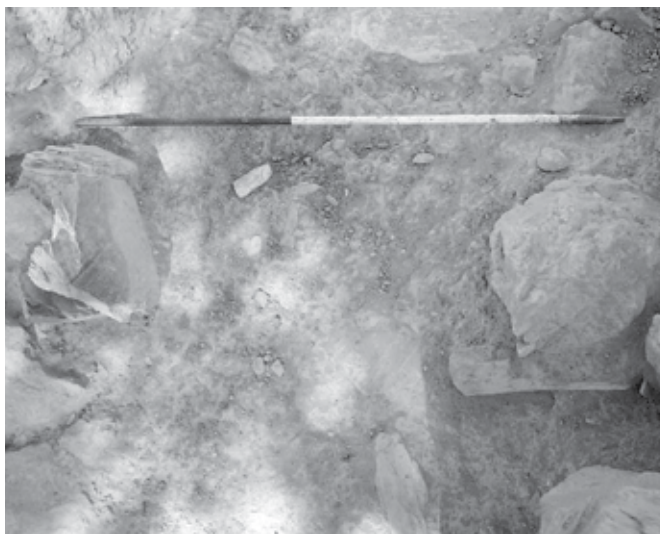


Fig. 5 Enxó de M1.

*Ambiente 2 (Fases I e II)*• *Fase I: construção da sepultura*

O enchimento da estrutura assentava directamente sobre o substrato rochoso, o que poderá indicar uma preparação prévia do terreno para a implantação dos esteios, com a remoção dos níveis de terra da mamoa pré-existente. O substrato rochoso, apesar de apresentar uma superfície alterada devido à fragmentação do xisto, estava, por outro lado, bastante aplanado.

A implantação dos 5 esteios foi igualmente realizada em fossa aberta no xisto, não tendo sido possível aferir, em corte, o seu perfil nem a sua profundidade, uma vez que todos os esteios se encontravam *in situ* e, naturalmente, não se desmontou nenhum.

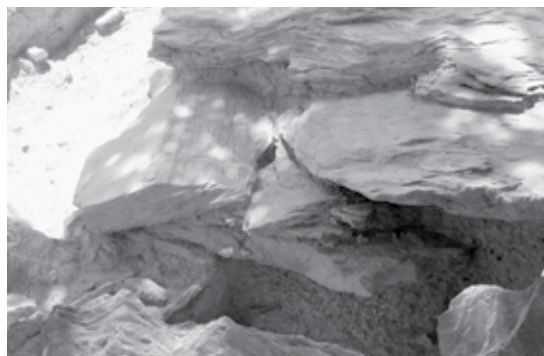
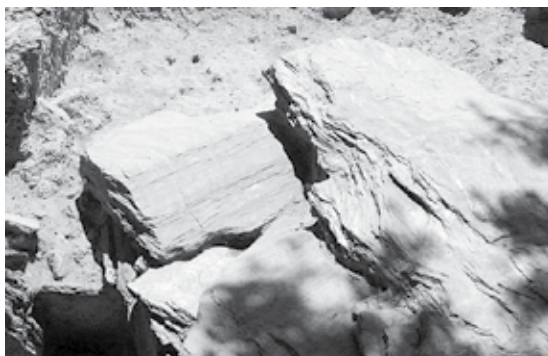
Em plano, foi possível verificar que os esteios não apresentavam calços pelo lado de dentro, estando, no entanto, bastante bem contrafortados pelo exterior [11]. Esta estrutura era constituída por pedras de médias e grandes dimensões e apresentava-se muito bem conservado.

Sobre os esteios foram colocadas 7 lajes de xisto, de diferentes dimensões, as quais cobriam integralmente a sepultura.



Figs. 6 e 7 Pormenor da mamoa de M2 junto às tampas.

A remoção da [10] em M2 confirmou o bom estado de conservação da mamoa sobre este monumento, a qual selava o conjunto de tampas, todas mais ou menos *in situ*, à excepção da primeira (junto a M1), a qual se encontrava em cutelo, deslocada para o lado Norte. Esta posição resultou provavelmente da violação de M1, uma vez que os limites dessa operação chegavam até aí. É muito provável que os violadores não se tenham apercebido da existência de um segundo monumento, razão pela qual não o terão também destruído.



Figs. 8 e 9 Tampas de M2.

As terras da mamoa apresentavam fragmentos de cerâmica pré-histórica, alguns muito rolados, o que poderá indiciar que as terras utilizadas provinham de um eventual sítio de habitat.

- *Fase II: utilização do espaço*

A fase de utilização do espaço sepulcral de M1 está representada pelas unidades [9], [14], [18], [21], [22] e [23].



Fig. 10 Entrada de M2, ainda com as tampas.



Fig. 11 Enxó encontrada no interior de M2.

Os materiais arqueológicos, uma enxó e um machado, foram recolhidos na [21], à entrada do monumento. As restantes unidades correspondiam ao enchimento do monumento.

- *Fase V: violação/destruição*

Esta última fase pode estar relacionada com diversos momentos, não identificados cronologicamente, mas posteriores à sua utilização original; essas acções destruíram significativamente não só a estrutura do monumento mas também os vestígios da sua fase de utilização como espaço funerário.

De facto, a continuação da escavação no interior de M1 permitiu identificar um conjunto de restos de lajes, amontoadas no lado Norte, na área onde deveriam localizar-se os esteios.

Estes fragmentos foram sendo removidos à medida que eram registados em planta e cotados. Neste conjunto, apareceu uma laje de xisto com uma gravação tipo “tabuleiro de jogo”, de forma geral arredondada.

O aparecimento de um grande esteio tombado, no lado Norte da câmara, na base do monumento, permitiu reinterpretar a leitura que inicialmente se havia feito do corte E/W desse lado da câmara. De facto, nas 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> campanhas de escavação, tinha-se interpretado a presença/ausência de pedras, neste corte, como sendo resultante das diferenças entre as mamoas dos dois monumentos; nessa primeira leitura, a mamoa de M2, com abundantes pedras, parecia adossar-se à mamoa

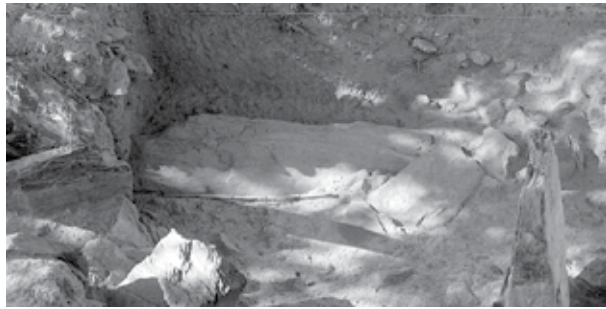


Fig. 12 Derrube da câmara, M1.



Fig. 13 Pormenor dos esteios derrubados no interior de M1.



de M1, quase sem pedras. No entanto, o aparecimento de um esteio mesmo junto ao corte parece implicar que a violação/destruição de M1 foi muito maior do que havíamos então considerado, uma vez que a referida ausência de pedras pode, ela própria, ser um resultado da violação.

Também a análise da topografia superficial, à luz destes novos dados, permitiu supor que o desnível do terreno, provocado, eventualmente pela violação, nesta área, se estendia para Norte da área escavada. Para esclarecer este aspecto, optou-se por retirar parte do corte (que havia sido deixada por escavar), no Quadrado C5, pondo-o todo por igual; esta operação permitiu verificar que a nossa hipótese estava correcta.

A violação ter-se-ia iniciado com a abertura de um buraco, no lado Norte da câmara, seguida do desmonte dos esteios. A fossa de violação atingiu e perfurou o substrato rochoso.

O facto de as camadas resultantes desta violação apresentarem um aspecto de “lamas secas”, com as superfícies lisas e com *craquelés*, leva-nos a concluir que terá decorrido algum tempo entre a violação e o enchimento da fossa. Também o facto de o buraco, aberto no substrato rochoso, já estar preenchido [24] quando se dá o derrube do 1.º esteio da câmara do lado Norte, parece confirmar esta hipótese.

Sobre aquele esteio foram então depositados fragmentos de esteios e/ou tampas [20], sobre os quais assentavam diversas camadas, desorganizadas, de pedras mais ou menos misturadas com terras [3], [6], [7], [8] e [17].

- *Unidades estratigráficas*

**U.E. 0** – Camada de terra humosa, castanha escura, que apresenta muitas pedras da mamoa as quais foram amontoadas, neste local, pelos trabalhos agrícolas. **Amb. 1**

**U.E. 1** – Camada subjacente, de terras castanhas rosadas, de textura arenosa. Aparece em quase toda a área definida, mais ou menos espessa, consoante os locais. Solta-se com facilidade. **Amb. 1 e 2.**

**U.E. 2** – Camada de terras amarelas ocre que aparece sob a U.E.1. É muito compacta. **Amb. 1 e 2.**

**U.E. 3** – Camada de terras castanhas amareladas que se define no interior da câmara. Caracteriza-se pela presença muitas pedras. **Amb. 1.**

**U.E. 4** – 1.º anel da mamoa, muito bem definido junto ao esteio Sul do corredor. É composto por pedras de dimensões médias e terras castanhas avermelhadas. **Amb. 1.**

**U.E. 5** – Camada de terras avermelhadas e muito compactas que se define à entrada do corredor, do lado Sul. Apresenta muitos fragmentos de pedras de pequenas dimensões (quartzo). **Amb. 1.**

**U.E. 6** – Camada igual à U.E.3, que, numa primeira fase, se individualizou mas que, posteriormente se interpretou como correspondendo à mesma unidade estratigráfica; trata-se de um nível caótico, de derrubes da mamoa dentro da câmara. **Amb. 1.**

**U.E. 7** – Camada, subjacente à U.E.3/6, de terras acastanhadas e arenosas que se soltam com facilidade. **Amb. 1.**

**U.E. 8** – Camada, subjacente à U.E. 7, de terras avermelhadas, com pequenas pedras de quartzo e muito compacta. **Amb. 1.**

**U.E. 9** – Camada, subjacente à U.E.3, no interior de M 2, de terras vermelhas, compactas mas sem quaisquer pedras. **Amb. 2.**

**U.E. 10** – Camada de terras vermelhas, muito compactas, com pedras misturadas (quartzo e xisto), que surge sobre as tampas do novo monumento, no canto Sul e Oeste do quadrado D-4. Parece corresponder às terras da mamoa. **Amb. 2.**

**U.E. 11** – Anel da mamoa do M2 que aparece sob as tampas e encosta à [10]. **Amb. 2.**

**U.E. 12** – Conjunto de tampas de M2. **Amb. 2.**

**U.E. 13** – Alvéolo do primeiro esteio do corredor, do lado Sul, de M1. **Amb. 1.**

**U.E. 14** – Terras do interior de M2. Camada de terras alaranjadas, muito compactas, com pedras de quartzo e fragmentos de xisto à mistura. **Amb. 2.**

**U.E. 15** – Camada de terras amarelas claras, compactas, que se definem no lado Sul de M1, na área preservada. Nível com materiais arqueológicos (2 fragmentos de lâminas). Encosta à [16]. **Amb. 1.**

**U.E. 16** – Calços dos esteios da câmara, no lado Sul. **Amb. 1.**

**U.E. 17** – Conjunto de pedras (xisto e quartzo) que se encontram no lado Norte da câmara de M1. Nível de derrube muito caótico. **Amb. 1.**

**U.E. 18** – Camada de terras avermelhadas, sob a [14], com pedras miúdas. Interior de M2. **Amb. 2.**

**U.E. 19** – Nível de base. Terras vermelhas com abundante cascalho e xisto degradado. Muito compacta. **Amb. 1 e 2.**

**U.E. 20** – Conjunto de esteios/tampas que se encontravam amontoados no lado Norte da câmara em resultado da violação. **Amb. 1.**

**U.E. 21** – Conjunto de pedras que se encontravam à entrada de M2; é composta por fragmentos de xisto e pedras de dimensões médias. Apareceram 1 machado e 1 enxó. **Amb. 2.**

**U.E. 22** – Terra subjacente à [14] no interior de M2. É mais arenosa do que a anterior; continua a apresentar pedras de pequenas dimensões. **Amb. 2.**

**U.E. 23** – Pequena bolsa de terras com muitos carvões que se encontrava entre os esteios 5 e 6 de M2. **Amb. 2.**

**U.E. 24** – Bolsa de terras que enchia a fossa da violação, no lado Norte de M1, por baixo do esteio derrubado. É constituída por terras vermelhas, muito compactas. **Amb. 1.**

### 5.3. Medidas de minimização

Terminada a intervenção na Anta do Lucas 6, toda a área foi tapada com geotêxtil, seguido de areão da ribeira e, por último, terras crivadas, retiradas da escavação, de modo a que a vegetação possa tornar a crescer.

Procedeu-se à recolocação do 1.º esteio da câmara do lado Norte do Monumento 1, que se encontrava partido e tombado no interior da câmara, mas cuja base se encontrava ainda “*in situ*”.



Fig. 14 Colocação dos seixos.



Fig. 15 Recuperação do 1.º esteio da câmara de M1.

## 6. Espólio

O espólio encontrado nos dois monumentos documenta a sua utilização como espaço sepulcral pré-histórico.

Os materiais encontrados são de pedra polida, pedra lascada e alguns fragmentos de cerâmica.

- Indústria lítica:
  - Enxó de pedra polida, de xisto, inteira.
  - Machado de pedra polida, de xisto, inteiro.
  - Enxó de pedra polida, de xisto, inteira.
  - Fragmento proximal de lâmina de sílex
  - Fragmento de lâmina de sílex.
  
- Cerâmicas:
  - Fragmentos de cerâmica

## 7. Conclusão

A escavação da Anta do Lucas 6 veio trazer novas interrogações no que diz respeito à evolução cronológico-cultural do megalitismo no Alentejo Central.

De facto, até ao presente apenas se conhecia, bem documentada com vários exemplares, a sequência anta/*tholos* para o Neolítico Final/Calcolítico.

O Monumento 2 (sepultura) do conjunto do Lucas 6 parece ser posterior ao Monumento 1 (anta). No entanto, a construção de M2 não implicou uma ruptura com o espaço anterior, mas sim uma continuidade. Não se destruiu um para construir o outro; a sepultura organizou-se de modo a manter a mesma orientação que a câmara da anta, constituindo-se como um anexo desta. Por outro lado, o aparecimento de um machado e de uma enxada à entrada da sepultura pode indiciar duas situações distintas: ou estes materiais pertenciam à anta e foram reutilizados, ou pertenciam ao espólio da sepultura.

Infelizmente, a violação realizada na anta e o facto de não existirem mais materiais no interior da sepultura não nos permitem aferir, com segurança, a cronologia destes monumentos. A datação realizada sobre carvões recolhidos na [23], remeteu-nos para a Idade Média (920±40 BP – Beta 200047), período em que terá ocorrido algum dos episódios de violação.

A quase total ausência de materiais arqueológicos (à excepção de uns pequeníssimos fragmentos de cerâmica pré-histórica, um deles recolhido sobre a mamoa), aliada ao facto de ter aparecido à entrada do corredor um fragmento de cerâmica atribuível à Idade do Bronze, sobre a tampa anteriormente referida, faz-nos supor que a primeira destruição do monumento pode ter ocorrido ainda em época antiga.

Na verdade, no Alentejo Central, o uso prolongado dos mesmos monumentos parece, naturalmente, aplicar-se apenas às antas; quanto às pequenas sepulturas megalíticas, onde esse tipo de uso não faria muito sentido, temos, em contrapartida, indicadores claros de que foram objecto de reutilizações, em épocas muito avançadas da história do megalitismo regional (campaniforme e Bronze), ou mesmo em épocas muito posteriores.

Essas reutilizações assumiram, na região, formas distintas; no entanto, parece ter sido dada, em época campaniforme, preferência às pequenas sepulturas, eventualmente por serem aquelas que, arquitectonicamente, se aproximavam mais das cistas, numa altura em que estas começavam a constituir o tipo de enterramento mais padronizado; nas antas, além dos enterramentos nos corredores, temos alguns exemplares curiosos, em que o esteio de cabeceira foi retirado e anexada, no exterior, uma sepultura cistóide como parece ser o caso do Lousal (Fig. 29) (Ferreira e Cavaco, 1955-1957) e, eventualmente, o da anta do Lucas 6.

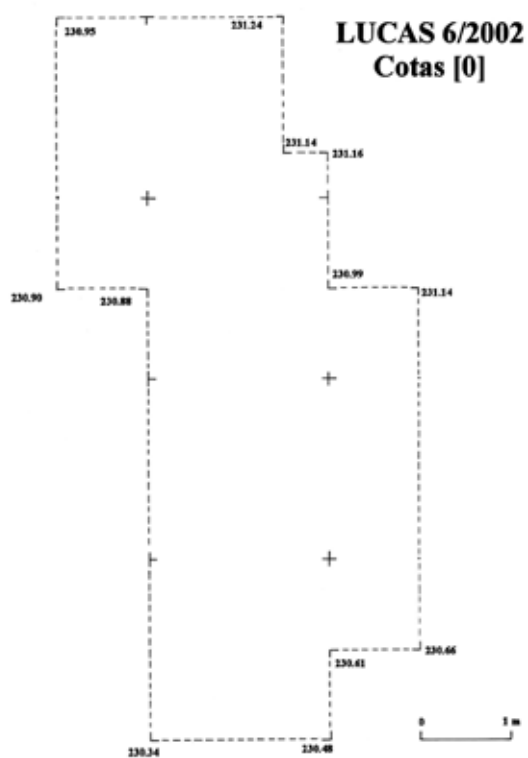


Fig. 16 Planta cotada da [0].

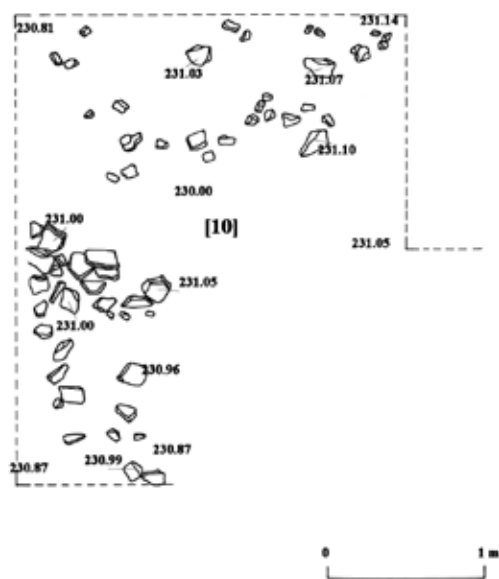
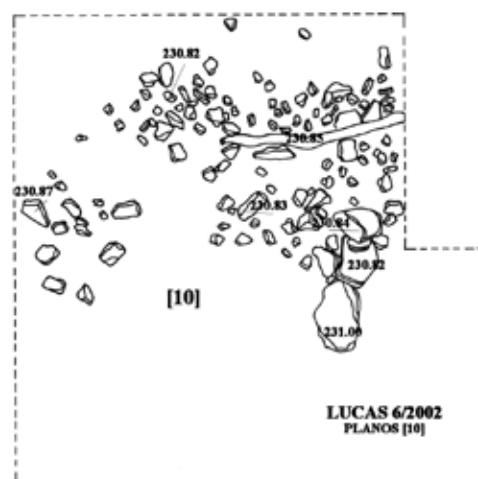


Fig. 17 Planta cotada da [10].

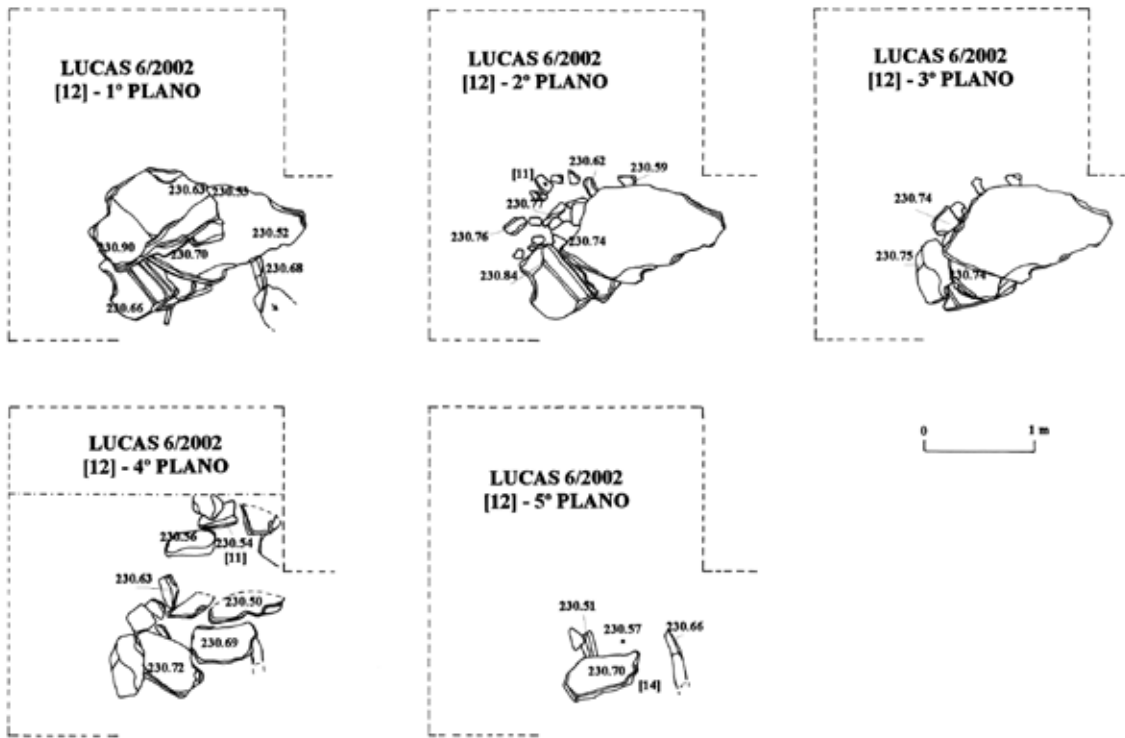


Fig. 18 Planta cotada da [12].

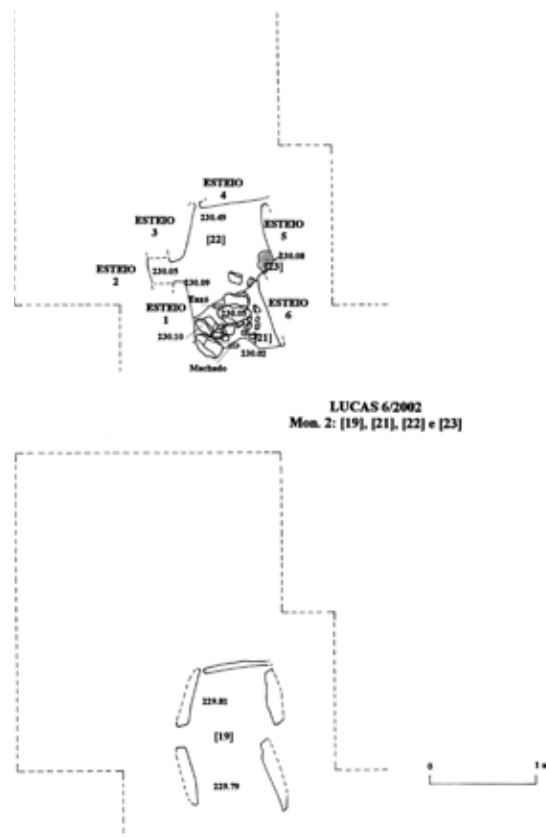


Fig. 19 Planta cotada da [19], [21], [22], [23].

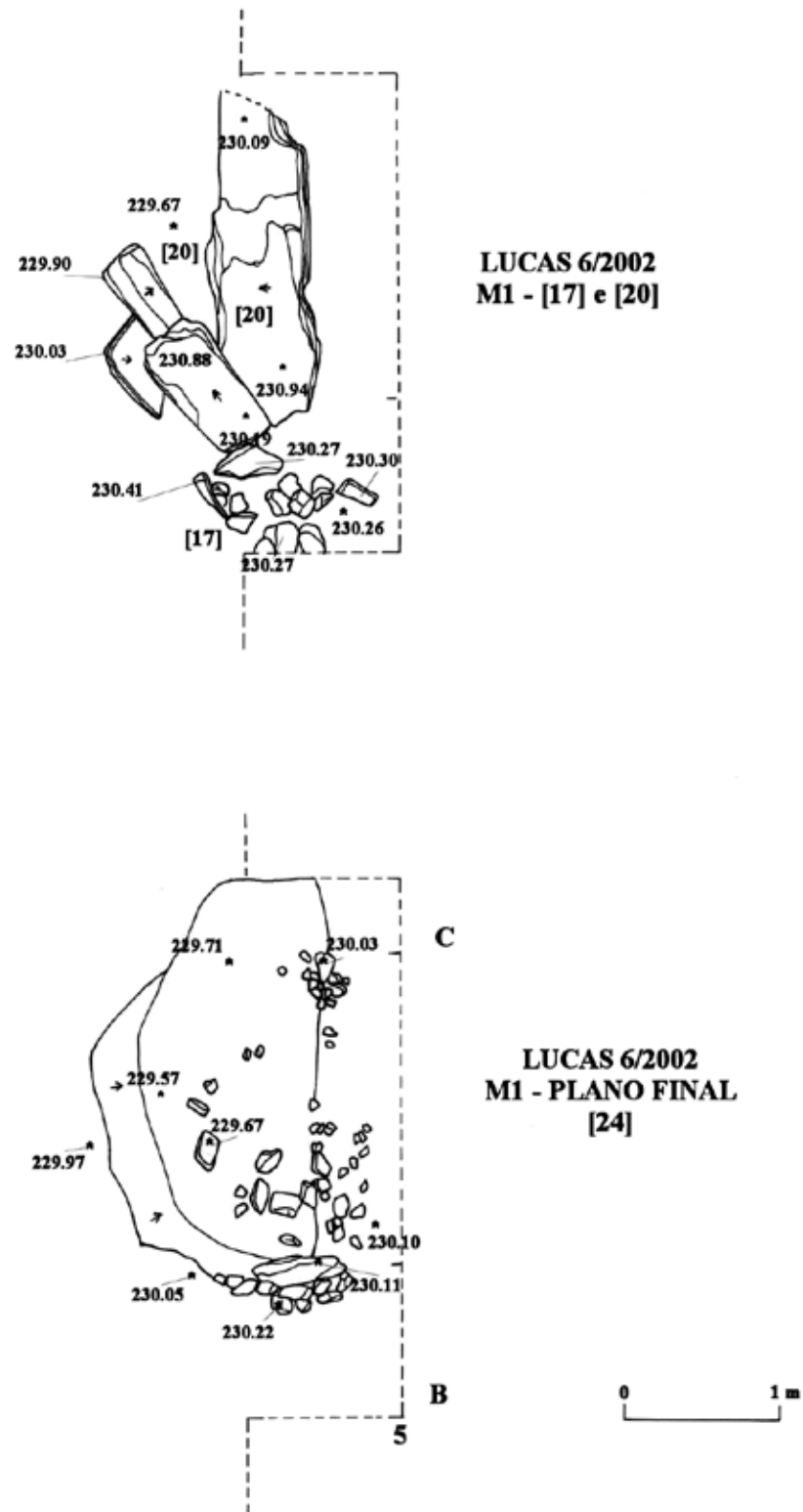


Fig. 20 Planta cotada da [17], [20] e [24].

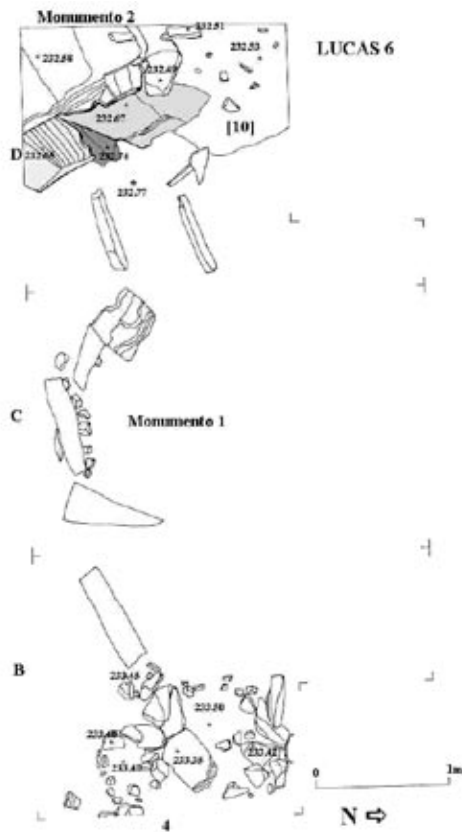


Fig. 21 Planta com Monumento 1 e Monumento 2 (ainda com as tampas).

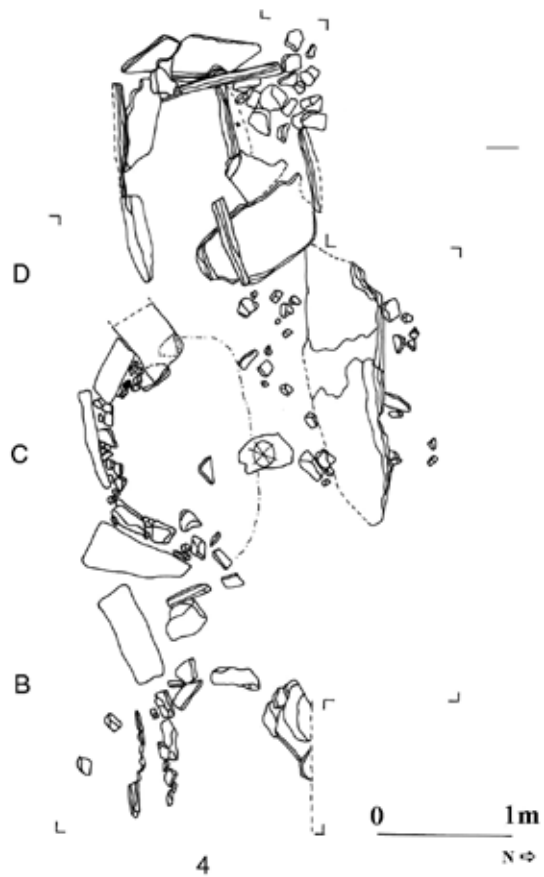


Fig. 22 Planta final.



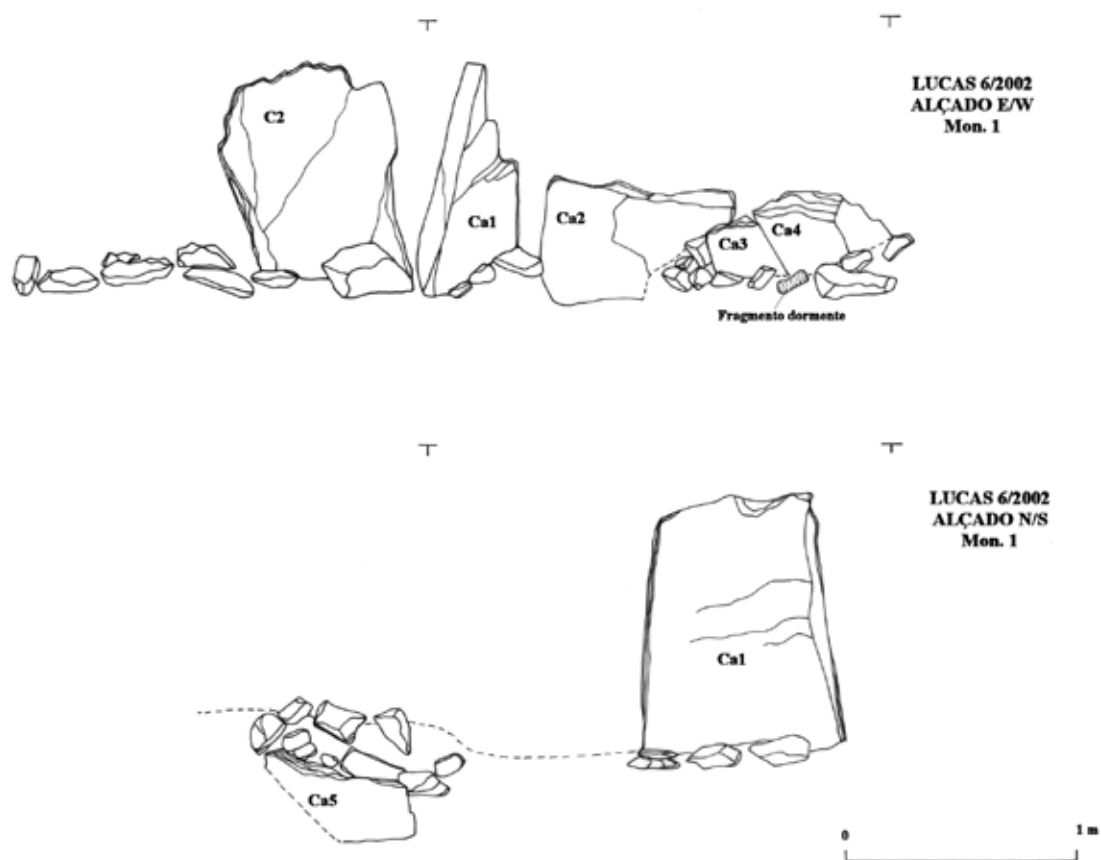


Fig. 23 Alçados do Monumento 1.

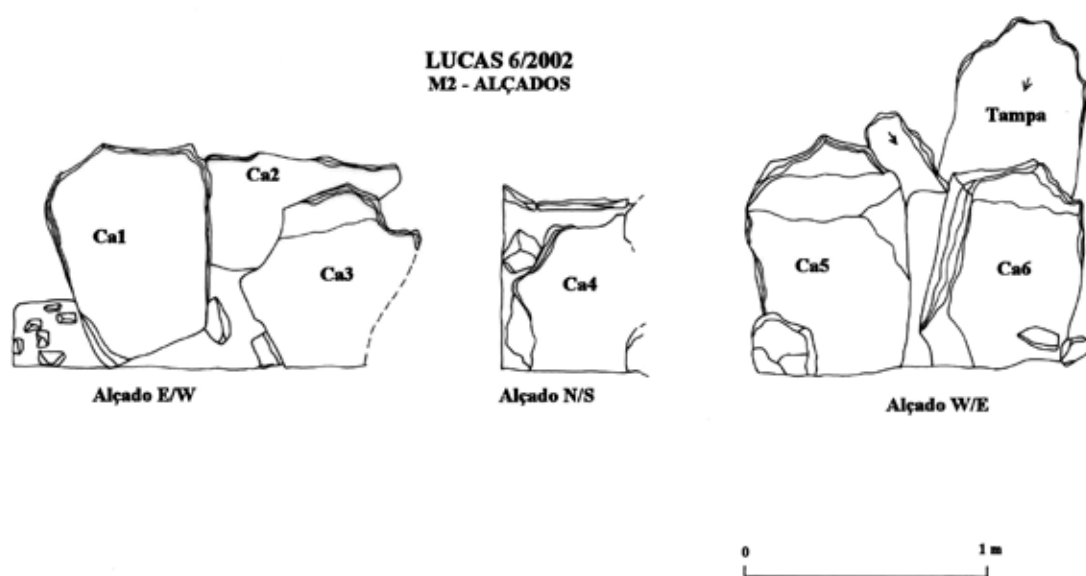


Fig. 24 Alçados do Monumento 2.

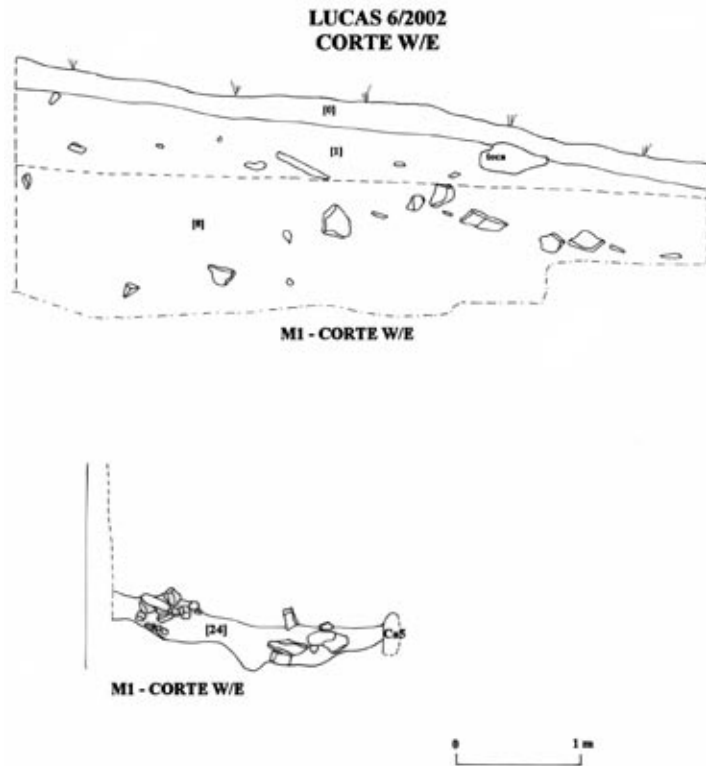


Fig. 25 Cortes do Monumento 1.

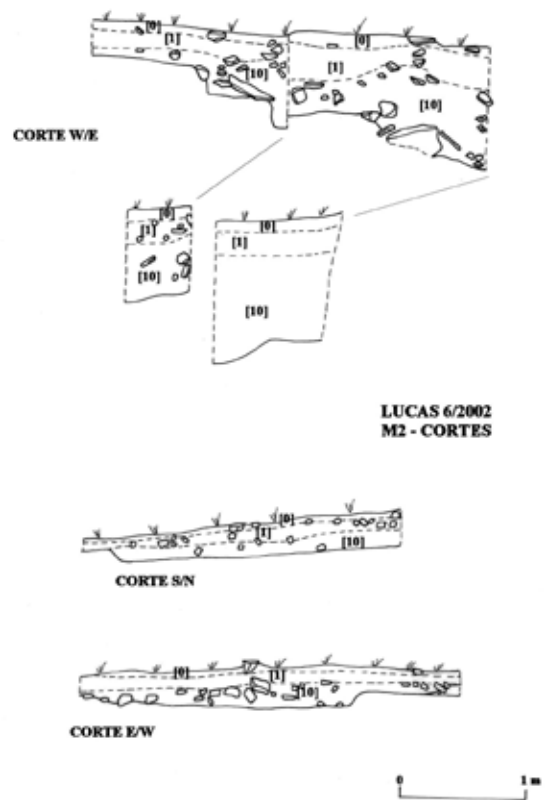


Fig. 26 Cortes do Monumento 2.

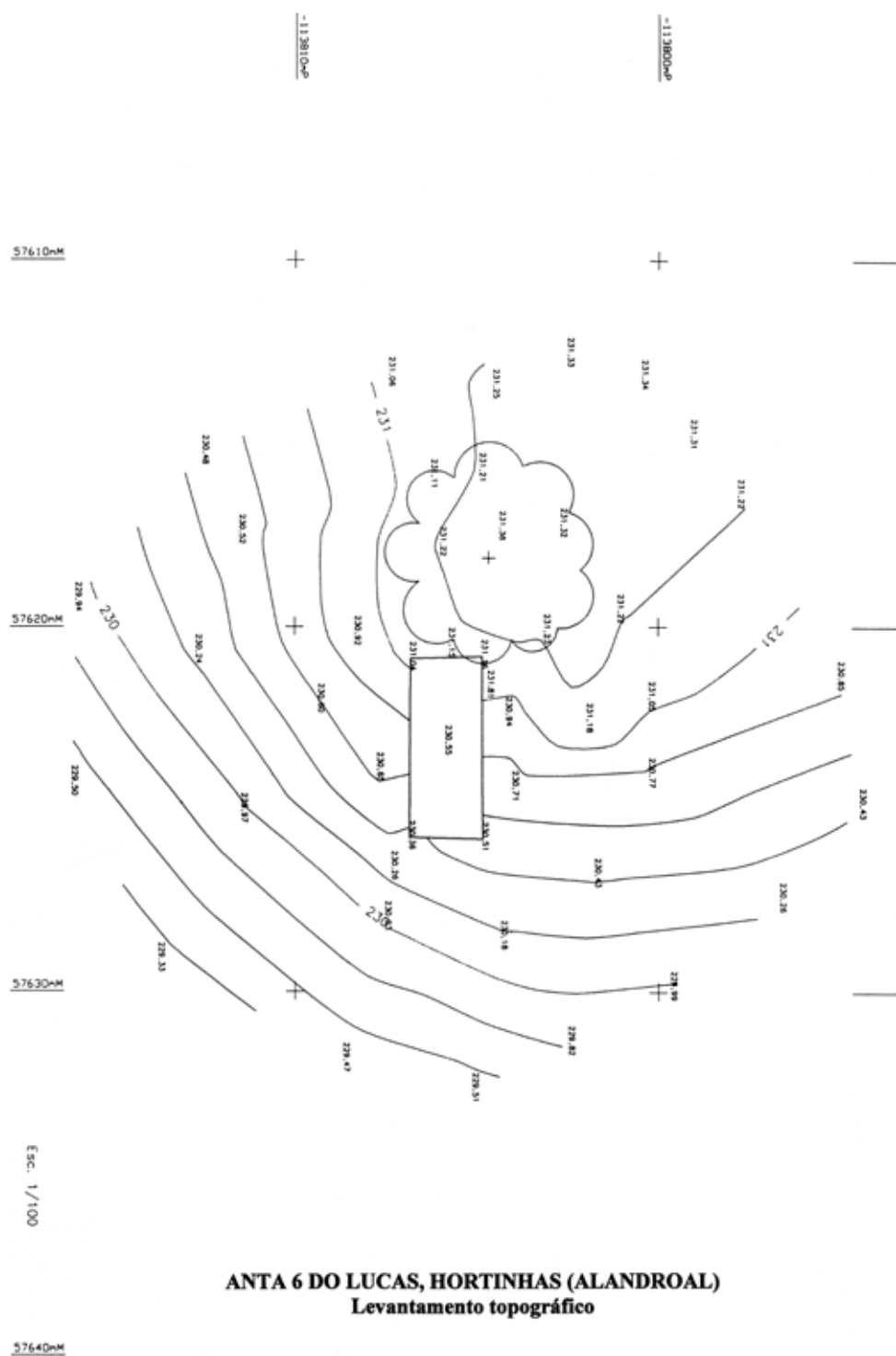


Fig. 27 Levantamento topográfico com implantação da quadrícula inicial.

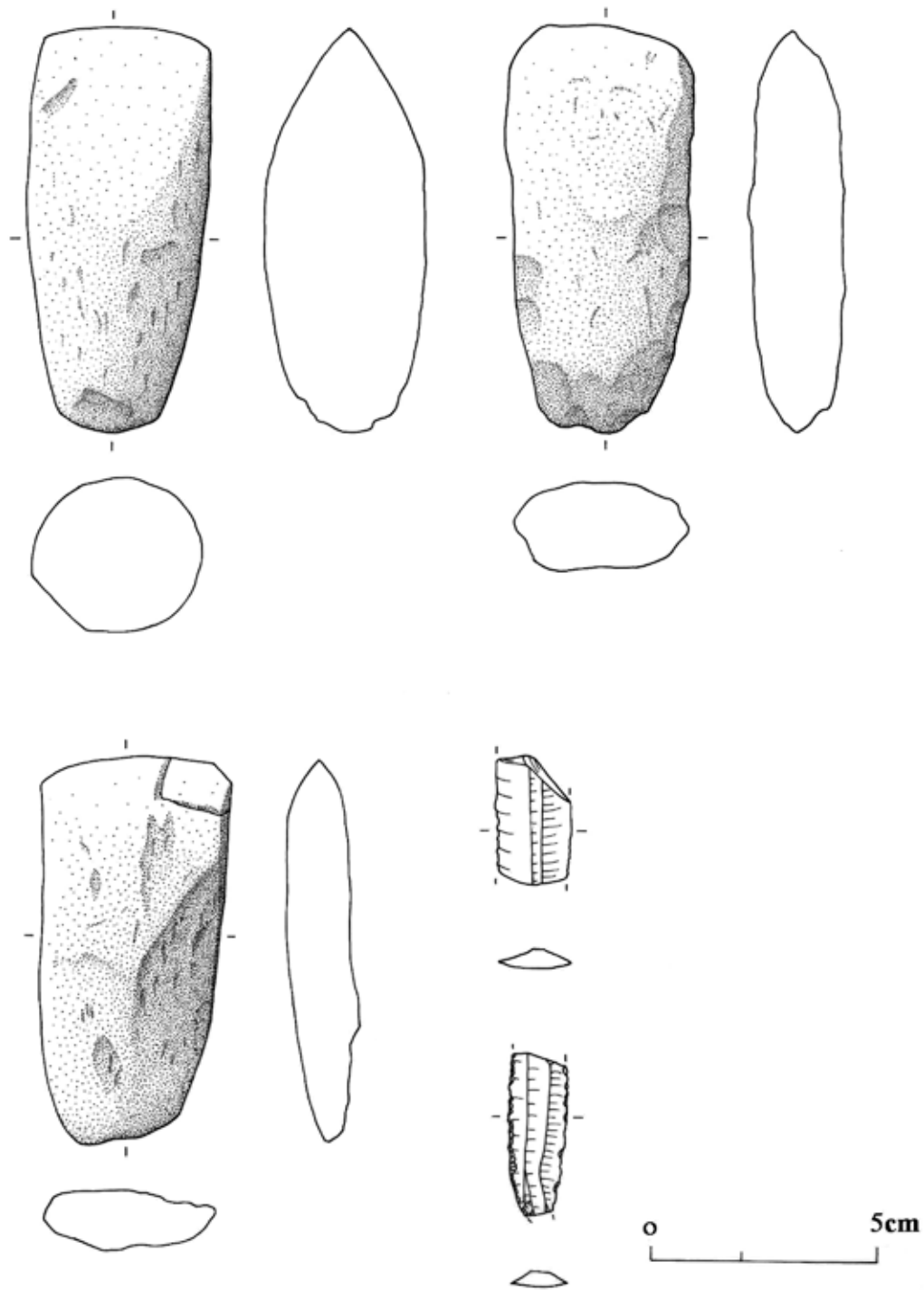


Fig. 28 Materiais recolhidos.

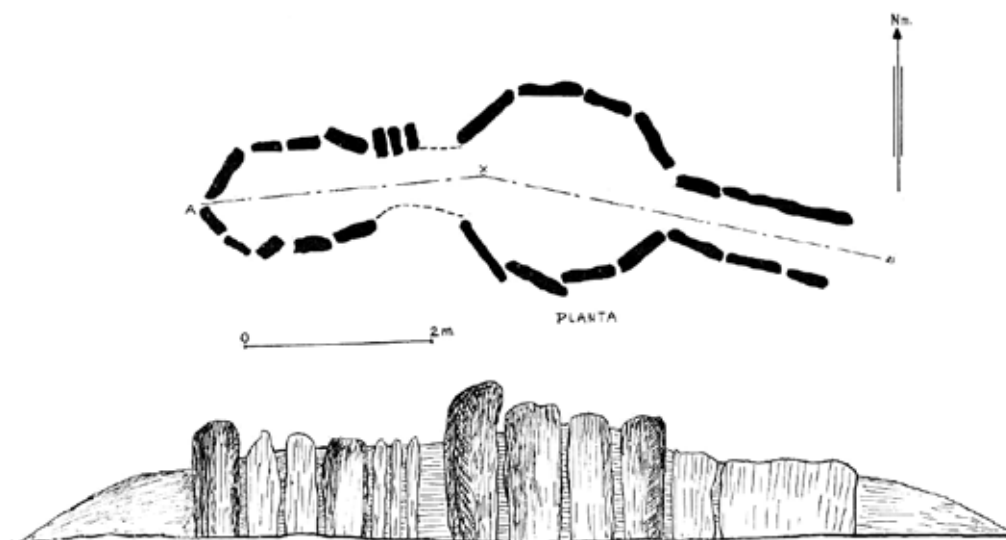


Fig. 29 Sepultura anexa à anta do Lousal (seg. Ferreira e Cavaco, 1955-1957).

#### NOTAS

<sup>1</sup> Arqueóloga. Instituto Português de Arqueologia – Extensão do Crato.

#### BIBLIOGRAFIA

BARKER, P. (1989) - *Techniques of archaeological excavation*. London: Batsford.

CALADO, M. (1993) - *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.

FERREIRA, O. da V.; CAVACO, A. R. (1955-1957) - Antiquidades do Lousal (Grândola). Sepulturas descobertas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 13, p. 190-202.

HARRIS, E. C. (1991) - *Princípios de estratigrafia arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.

